GLOBAL NUTRITION REPORT 2016

Sumário

DA **PROMESSA** AO **IMPACTO**

Erradicando a Malnutrição até 2030

Poucos desafios enfrentados hoje pela comunidade global se comparam, em escala, à malnutrição, distúrbio que afeta diretamente uma em cada três pessoas. A malnutrição se manifesta de diversas maneiras: no crescimento e no desenvolvimento infantis insatisfatórios; em pessoas que são apenas pele e osso ou estão propensas a contrair infecções; em quem tem excesso de peso ou que correm o risco de contrair doenças crônicas por consumirem açúcar, sal ou gordura demais; ou naqueles que apresentam deficiência de vitaminas ou minerais importantes. A malnutrição e a alimentação são, de longe, os maiores fatores de risco que contribuem para a carga mundial de morbidade: todos os países enfrentam sério desafio na área de saúde pública em decorrência da malnutrição. As conseqüências econômicas representam prejuízos de 11% do produto interno bruto (PIB) a cada ano na África e na Ásia, enquanto a prevenção da malnutrição fornece um retorno sobre investimento de US$ 16 para cada dólar gasto. Os países de todo o mundo se comprometeram a cumprir metas de nutrição. Contudo, apesar de ter havido algum progresso nos últimos anos, o planeta não está em vias de alcançar essas metas. Este terceiro levantamento sobre a situação da nutrição mundial indica caminhos para reverter essa tendência e pôr fim a todas as formas de malnutrição até 2030.

Ao longo da última década, o interesse pela nutrição foi crescendo de forma constante: em 2012, a Assembléia Mundial da Saúde adotou as Metas Globais para 2025 de Nutrição de Mães, Lactantes e Crianças Pequenas. No ano seguinte, o organismo adotou metas para as doenças não transmissíveis, incluindo aquelas relacionadas com a nutrição. Ainda em 2013, na primeira cúpula da Nutrição para o Crescimento (Nutrition for Growth, N4G), os doadores consignaram US$ 23 bilhões para ações que melhorem a nutrição. Com a Segunda Conferência Internacional sobre Nutrição (International Conference for Nutrition, ICN2) em 2014, e com a recente indicação do período entre 2016 e 2025 como a Década da Ação sobre a Nutrição das Nações Unidas, cada vez mais pessoas começaram a reconhecer a importância de combater todas as formas de malnutrição. Em 2015, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU consagraram o objetivo de "acabar com todas as formas de malnutrição", desafiando o mundo a pensar e agir de forma diferente em relação a ela e; concentrando-se em todas as suas facetas e trabalhando para eliminá-la, em todas as pessoas, até 2030.

O ano de 2016 traz oportunidades importantes para que esse compromisso se transforme em ação. Essas oportunidades incluem a adoção de objetivos dos próprios países, mas que estejam relacionados com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS, e à crescente liderança do Japão no Campo da nutrição nos preparatórios para as Olimpíadas e Paraolimpíadas de Tóquio de 2020.

O *Relatório sobre a Nutrição Mundial* é o único estudo anual independente e abrangente sobre a situação da nutrição global. É uma iniciativa de parcerias múltiplas que reflete nossos êxitos e fracassos no cumprimento das metas nutricionais intergovernamentais. Documenta o progresso dos compromissos assumidos no cenário global e recomenda ações para acelerá-lo. O *Relatório sobre a Nutrição Mundial* tem como objetivo servir de referência, oferecendo exemplos de mudanças e identificando oportunidades de ação. O relatório deste ano se concentra na temática de assumir — e mensurar— compromissos segundo a metodologia SMART para com a nutrição, além de identificar o que será preciso fazer para acabar com todas as formas de malnutrição até 2030.

PRINCIPAIS CONCLUSÕES

1 A malnutrição gera um efeito cascata de desafios individuais e sociais— e também de oportunidades.

Malnutrição e alimentação deficiente são os principais fatores de aumento da carga mundial de morbidade. Já sabemos que os prejuízos anuais no PIB com o baixo peso, o crescimento infantil insuficiente e as deficiências de micronutrientes são em média de 11% na Ásia e na África — mais do que o prejuízo sofrido durante a crise financeira entre 2008 e 2010. Este relatório apresenta novos dados sobre o custo da malnutrição, tanto para as sociedades quanto para os indivíduos. Nos Estados Unidos, por exemplo, quando uma pessoa é obesa na família, toda ela se defronta com gastos anuais extras com assistência médica equivalentes a 8% de sua renda anual. Na China, um diagnóstico de diabetes representa uma perda de renda anual de 16,3% para quem tem a doença. Todas essas cifras significam que o ônus da malnutrição recai fortemente sobre todos nós, mesmo que não a soframos diretamente. Mas esses custos também representam grandes oportunidades para o progresso econômico e humano, e este relatório oferece muitos exemplos de países que aproveitaram essas oportunidades para melhorar as vidas de seus cidadãos e a saúde de suas sociedades ao enfrentarem a malnutrição.

A SUBNUTRIÇÃO EM TODAS AS SUAS FORMAS

2 O mundo não está em vias de alcançar as metas globais, mas há esperanças.

Se continuarmos fazendo o mesmo de sempre, o mundo não cumprirá as metas globais de nutrição adotas pela Assembléia Mundial da Saúde. Entretanto, essa avaliação oculta variações significativas e algumas surpresas: muitos países estão *em vias* de cumpriras metas relacionadas com o atraso no crescimento, a emaciação, o sobrepeso em crianças menores de cinco anos e o aleitamento materno exclusivo. Quase todos os países, porém, estão *longe* de cumpriras metas em relação à anemia entre as mulheres, o sobrepeso em adultos, o diabetes e a obesidade. Crescentes em todas as regiões e em quase todos os países, a obesidade e o sobrepeso são hoje um desafio global alarmante. O número de crianças menores de cinco anos com sobrepeso está próximo ao daquelas que sofrem de emaciação. No entanto, esta informação também oculta variações regionais: o número de crianças menores de cinco anos com atraso no crescimento está diminuindo em todas as regiões, exceto na África e na Oceania; e o número de crianças menores de cinco anos com sobrepeso cresce mais rapidamente na Ásia. Escondido por trás desses dados um tanto pessimistas, porém, há um motivo para esperança: mudanças modestas poderiam fazer com que muitos países passassem a estar em vias de cumprir as metas globais. Este relatório descreve em linhas gerais onde essas oportunidades se encontram.

3 A nutrição é fundamental para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Ao menos 12 dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável contêm indicadores altamente relevantes para a nutrição, o que reflete o papel de destaque da nutrição no desenvolvimento sustentável. Uma nutrição melhor é a base do avanço da saúde, da educação, do emprego, do empoderamento feminino e da redução da pobreza e da desigualdade. Por sua vez, a pobreza e a desigualdade, a água, o saneamento básico e a higiene, a educação, os sistemas alimentares, as mudanças climáticas, a assistência social e a agricultura tem impacto importante nos resultados em matéria de nutrição. O relatório mostra que o poder e o status social das mulheres constituem um importante fator de aumento da malnutrição: mães com 18 anos ou menos são mais propensas a ter crianças com atraso no crescimento; por outro lado, as crianças são menos propensas a sofrer atraso no crescimento se suas mães cursaram o Ensino Médio. Portanto, é importante incorporar metas de nutrição nos setores social e do desenvolvimento, nos quais muitos governos gastam mais de 30% de seus orçamentos, e medir os impactos dos gastos nestes setores sobre a nutrição das pessoas.

4 Os compromissos atuais não são compatíveis com a necessidade.

Dada a dimensão do problema da malnutrição, os gastos atuais direcionados a superá-la são muito reduzidos. A análise mostra que os governos de 24 países de baixa e média rendas destinam apenas 2,1% de seus gastos à redução da subnutrição, enquanto gastam ao todo mais de 30% em agricultura, educação, saúde e proteção social. A destinação de recursos dos doadores para intervenções específicas à nutrição estagnou-se, ficando em US$ 1 bilhão, embora acreditemos que a destinação de recursos para a nutrição por meio de outros setores sociais e de desenvolvimento esteja crescendo. Os gastos com doenças não transmissíveis (Non-Communicable Diseases – DNTs) relacionadas à nutrição também parecem reduzidos. Atualmente, não sabemos muito a respeito da soma que os governos destinam ao combate das DNTs relacionadas à nutrição. Em 2014, os doadores gastaram US$ 611 milhões em todos os tipos de doenças não transmissíveis — menos de 2% de seus gastos totais com saúde. E, apesar do fato de que as DNTs relacionadas à nutrição representam quase a metade das mortes e da invalidez em países de baixa e média renda, novos dados apresentados neste relatório mostram que os doadores gastaram apenas US$ 50 milhões nesses tipos de DNTs em 2014.

5 Os compromissos SMART e as metas importam.

O relatório mostra que doadores e governos que priorizaram a nutrição em seus documentos de diretrizes gastaram mais em nutrição. As empresas com compromissos mais firmes para com a nutrição têm mais condições de fornecer produtos e realizar um processo de comercialização e etiquetagem que apoie a nutrição. Os países que estabeleceram metas de subnutrição também reduzem o atraso no crescimento com mais rapidez. Apesar disso, a análise demonstra que a maioria dos planos para a nutrição não inclui o conjunto completo de metas globais de nutrição; e também que, quando os países estabelecem metas, apenas dois terços delas adotam a abordagem SMART. Além disso, somente 30% dos países definiram metas para a obesidade, o diabetes e a redução do sal em seus planos nacionais para as DNTs. Para a N4G, nossa análise mostra que apenas 29% dos compromissos de 2013 adotam a abordagem SMART, e que a maioria deles não especificou *quais* os tipos de malnutrição que pretendiam combater.

Specific (Específico)
Measurable (Mensurável)
Achievable (Realizável)
Relevant (Relevante)
Timebound (Com prazos definidos)

6 Temos que passar da conversa para a ação.

O relatório destaca a necessidade de fortalecer substancialmente a execução das políticas e dos programas. As políticas e os programas de base que promovem o aleitamento materno estão seriamente atrasados: somente 36% dos países põem em prática todos ou, pelo menos, alguns dos dispositivos do Código Internacional para a Comercialização de Substitutos do Leite Materno. Nenhum país adotou uma abordagem abrangente em relação à regulamentação da comercialização de alimentos e bebidas não alcoólicas para as crianças. Dois terços dos países não fizeram nenhum progresso na aplicação das três recomendações básicas da OMS para a promoção de uma dieta saudável (reduzir o sal, reduzir as gorduras saturadas e trans, e adotar as Recomendações de Comercialização para as Crianças, da OMS). Da mesma maneira, o aumento da escala dos programas diretos para combater a subnutrição vem sendo lento e desigual. Os mecanismos de coordenação das ações intersetoriais são fundamentais para executá-las com êxito, mas, para fazer alguma diferença, eles precisariam ser respaldados por um apoio de alto nível e por recursos humanos e financeiros.

7 Os dados e o conhecimento atuais não são suficientes para aproveitar ao máximo os investimentos.

O relatório apóia o chamado para uma revolução nos dados sobre a nutrição. A escassez de dados nos impede de identificar e aprender com os avanços reais em níveis global e nacional. Também oculta as desigualdades internas dos países, colocando obstáculos para que os governos tomem conhecimento de tais desigualdades, e para que as outras partes envolvidas consigam cobrar responsabilidades dos governos. O relatório recomenda desmembrar os dados para entender melhor onde existe malnutrição: em uma análise de mais de 50 países, o atraso no crescimento na sub-região com a maior taxa do distúrbio é três vezes maior que o da sub-região com a menor taxa. Em 13 países, a taxa de atraso no crescimento no quintil mais rico da sociedade supera os 20%, desmentindo a ideia de que renda equivale necessariamente a boa nutrição. Nós nos defrontamos com lacunas significativas de dados relacionados aos gastos com ações sensíveis à nutrição e com ações para combater a obesidade e as DNTs relacionadas aos gastos com ações de combate à malnutrição e em ações de combate à obesidade e às DNTs relacionadas à nutrição; à cobertura e ao impacto dos programas de combate a todas as formas de malnutrição; à situação da nutrição das 60 milhões de pessoas desalojadas pelos conflitos; e à prevalência e às tendências da malnutrição em nações frágeis. Por último, nos confrontamos com lacunas no conhecimento para entender os episódios de sucesso e de estagnação e para compreender os fatores subjacentes de aumento da obesidade e das DNTs.

CHAMADOS À AÇÃO

1 Fazer a escolha política de acabar com todas as formas de malnutrição.

Não estamos em vias de atingir as metas de nutrição. A anemia, por exemplo, está declinando tão lentamente que, no ritmo atual, só cumpriremos a meta global mais perto de 2130 do que de 2030. E, longe de estarem diminuindo, a obesidade e o sobrepeso estão se elevando, colocando os marcos da nutrição global em risco. Mas essa situação pessimista pode mudar: reduções acentuadas da malnutrição no Brasil, no Peru, em Gana e no estado indiano de Maharashtra foram impulsionadas por governos e outras partes interessadas que assumiram compromissos - e os mantiveram. Acabar com a malnutrição é, em última análise, uma escolha política que líderes governamentais, doadores, entidades da sociedade civil e empresas ao em nível regional, nacional e internacional precisam fazer. Assumir compromissos SMART em prol da nutrição traçaria uma trajetória diferente de desenvolvimento para países e indivíduos de todo o mundo.

2 Investir mais e destinar melhor os recursos.

Investir na extinção da malnutrição é um dos passos mais eficazes em termos de custos que um governo pode dar: cada US$ 1 investido em programas de nutrição comprovados oferece retorno no valor de US$ 16. Para cumprir os marcos globais de nutrição, governos e doadores precisarão triplicar seus compromissos para com a nutrição ao longo da próxima década. Rápidos aumentos nos gastos e as conseqüentes melhorias na nutrição são possíveis, como o estado indiano de Maharashtra, entre outros lugares, mostrou em relação à subnutrição. Ao mesmo tempo, governos, entidades da sociedade civil, doadores e empresas precisam fazer mais para garantir que os orçamentos de vários setores — agricultura, educação, sistemas de alimentação, sistemas de saúde, assistência social, e água, saneamento básico e higiene — destinem mais recursos para acabar com todas as formas malnutrição. Precisamos despender mais recursos na capacitação para o combate à obesidade, ao diabetes e a outras DNTs relacionadas à nutrição. E precisamos também começar a enxergar os investimentos em nutrição como um meio para atingir o crescimento econômico, ao invés de achar que uma nutrição melhor é resultado do crescimento econômico.

3 Coletar os dados certos para aproveitar ao máximo os investimentos.

As lacunas nos dados são um obstáculo significativo para o avanço da nutrição em todo o mundo. Cada país tem um contexto nutricional diferente e deveria reunir os dados nacionais e subnacionais dos quais necessita para entender sua situação única e atuar sobre ela. Com os ODSs em mente, governos, doadores, empresas e entidades da sociedade civil deveriam controlar, bem como divulgar regularmente, seus gastos e seu impacto sobre todas as formas de malnutrição, incluindo o atraso no crescimento, a emaciação, a anemia, o aleitamento materno, a obesidade e as doenças não transmissíveis.

4 Investir na colocação em prática de soluções já comprovadas — e na identificação de novas soluções.

Hoje, já temos experiência, dados e evidências suficientes para agir de forma decisiva no sentido de melhorar os resultados em nutrição. Exemplos provenientes do Brasil, de Gana, do Peru e de outros países, apresentados neste relatório, podem informar a linha de ação de cada país. Sabemos quais são as intervenções mais eficazes para enfrentar a subnutrição. Sabemos quais são as políticas públicas que têm boas possibilidades de funcionar para reduzir todas as formas de malnutrição. Aprendemos que é importante trabalhar com os cidadãos e a sociedade civil e criar mecanismos de governança intersetorial. Ao mesmo tempo, governos, financiadores e pesquisadores deveriam trabalhar para preencher as lacunas de conhecimento que estão refreando as ações. Por exemplo, nossa falta de conhecimento a respeito dos fatores subjacentes de aumento da emaciação, do aleitamento materno não exclusivo, da obesidade e do sobrepeso obstruem nossa capacidade de mobilizar recursos de fora do setor da saúde para preveni-los. Entender melhor como alguns países conseguem superar as barreiras para a implantação de programas de nutrição e obter uma taxa mais alta de cobertura por parte desses programas,enquanto outros não o conseguem, ajudará a superar os gargalos. Identificar maneiras novas e mais baratas de usar os dados subnacionais existentes, assim como coletar novos dados quando for necessário ajudará a assegurar que ninguém fique para trás na era dos ODSs.

5 Combater *todas* as formas de malnutrição.

Governos, empresas, entidades da sociedade civil e indivíduos precisam enfrentar todas as formas de malnutrição. Isso significa que os governos dos países de média e baixa renda devem agir para reduzir acentuadamente a subnutrição antes que a obesidade e as doenças não transmissíveis relacionadas à nutrição se tornem ainda mais incontroláveis. Isso significa que esses países devem integrar a prevenção e o controle do diabetes e da obesidade a seus planos para a nutrição, além de pôr em prática políticas e intervenções que possam combatê-los. Significa que os países da OCDE devem aprender com as experiências de outras partes do mundo para melhorar suas estratégias nacionais de combate à obesidade e às DNTs. Significa que os doadores devem ampliar seu foco para reconhecer a ameaça que a obesidade e as doenças não transmissíveis relacionadas à nutrição representam para a nutrição global. Significa que todas as partes interessadas precisam aumentar a eficácia de seus investimentos e políticas, identificando e pondo em prática ações de dupla função que enfrentem mais de uma forma de malnutrição ao mesmo tempo. E significa que todas as partes interessadas precisam aceitar a "nova maneira" de lidar com a malnutrição, em todas suas formas, no mesmo lugar e ao mesmo tempo — um problema para quase a metade dos países.

WWW.GLOBALNUTRITIONREPORT.ORG

Você pode consultar on-line:

- a íntegra *Relatório sobre a Nutrição Mundial*
- perfis nutricionais de 193 países, 28 regiões e sub-regiões, além de um conjunto de dados mundiais
- visualizações de dados
- Publicações do blog

#NutritionReport @GNRReport

Esta síntese foi elaborada pelos autores do *Relatório sobre a Nutrição Mundial 2016*.

Esta publicação foi revisada por pares. Quaisquer opiniões expressadas neste documento são exclusivamente dos autores e não necessariamente representam ou são aprovadas pelo Instituto Internacional de Pesquisa de Políticas Alimentares ou de organizações parceiras envolvidas no *Relatório sobre a Nutrição Mundial 2016*. Os limites e nomes aqui utilizados não implicam na aprovação ou aceitação oficial do Instituto Internacional de Pesquisa de Políticas Alimentares.

International Food Policy Research Institute

2033 K Street, NW, Washington, DC 20006-1002 USA | T. +1-202-862-5600 | F. +1-202-467-4439 | Email: ifpri@cgiar.org | www.ifpri.org

Copyright © 2016 International Food Policy Research Institute. Todos os direitos reservados. Para obter permissão para republicação, entre em contato com ifpri-copyright@cgiar.org

DOI: 10.2499/9780896299979